

DAVID MENASCHE

# MINHA LISTA DE PRIORIDADES

A JORNADA DE UM PROFESSOR EM BUSCA  
DAS GRANDES LIÇÕES DA VIDA

Tradução

ELVIRA SERAPICOS

pa ra — a

Copyright © 2013 by David Menasche

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Priority List: A Teacher's Final Quest to Discover Life's Greatest Lessons

CAPA estúdio insólito

FOTO DE CAPA Giorgio Fochesato/ Getty Images

PREPARAÇÃO Lilia Gama

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Menasche, David

Minha lista de prioridades: A jornada de um professor  
em busca das grandes lições da vida / David Menasche ;  
tradução Elvira Serapicos. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo :  
Paralela, 2014.

Título original: The Priority List : A Teacher's Final  
Quest to Discover Life's Greatest Lessons.

ISBN 978-85-65530-71-2

1. Cérebro — Câncer — Pacientes — Estados Unidos  
— Biografia 2. Menasche, David — Viagem — Estados  
Unidos — Biografia 3. Professores — Estados Unidos —  
Biografia 4. Professores — Conduta de vida 5. Relação  
professor-alunos I. Título.

---

14-06377

CDD-371.1

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Professores : Biografia 371.1

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparalela.com.br](http://www.editoraparalela.com.br)

[atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br](mailto:atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br)

*Para Jacques Menasche,  
que me ensinou que não era preciso ser corajoso,  
e depois me mostrou como ser.*

# Prólogo

Permita-me tomar emprestado as palavras do grande Lou Gehrig em seu discurso de despedida, no Yankee Stadium, pouco depois de ter recebido a notícia, aos 36 anos, de que estava com seus dias contados. *Hoje eu me considero o homem mais sortudo da face da terra.*

Eu, David Menasche, me considero, e sou.

Tinha mais ou menos a mesma idade de Lou quando, em 2006, no auge da minha carreira como professor, recebi o diagnóstico de que tinha um tumor no cérebro e apenas alguns meses de vida pela frente. Passaram-se sete anos e aqui estou eu, em minha casa em New Orleans, aleijado e quase cego, sentindo-me feliz por ainda poder apreciar a beleza das magnólias através da minha janela, abraçar pessoas queridas, rir com amigos e ter a oportunidade de compartilhar minha história.

Sou realista. Não há nenhuma razão para eu ainda estar vivo. A doença nunca me deixa esquecer que *ela*, e não eu, irá vencer essa luta. Sei que o câncer fará tudo do seu jeito, mais cedo ou mais tarde.

Mas à medida que minha visão diminuía e meu mun-

do ficava cada vez mais escuro, à medida que meu braço ia enfraquecendo até o ponto de não conseguir mais segurar um garfo para colocar comida em minha própria boca, à medida que minhas pernas esmoreciam, decidi que passaria o tempo que me restava da única maneira que sei. Com alegria.

Não posso mais dar aulas. Mas espero que, compartilhando experiências e lições, especialmente diante da proximidade da morte, eu possa lembrar as pessoas do quanto a vida é preciosa. Nunca dei a ela tanto valor quanto agora, quando me resta tão pouco tempo. Mais uma vez, recorro ao discurso de despedida de Lou Gehrig: *Termino dizendo que posso ter tido uma parada difícil, mas ainda tenho muita coisa para viver.*

Até parar de respirar, viverei.

SENTEI UM ZUMBIDO NO OUVIDO ESQUERDO. Não pensei que fosse algo importante, mas era tão irritante quanto um daqueles mosquitos chatos que ficam rondando em volta da sua cabeça como um chapéu mexicano de um parque de diversões. Só que o zumbido estava *dentro* da minha cabeça. Tentei ignorá-lo, até que um dia, alguns meses depois de ter começado, o barulho se transformou em um tremor que partia do meu rosto, descia pelo lado esquerdo do meu corpo, e ia até a ponta dos dedos dos meus pés. *Hora de procurar um médico*, Menasche, disse a mim mesmo. Paula marcou a consulta. Em nosso casamento, era ela quem cuidava de tudo que exigisse organização. Se não fosse ela, ficaríamos sem luz até eu me lembrar de que a conta não havia sido paga.

Passei pelo meu clínico geral, que me encaminhou para um otorrinolaringologista, que achou melhor eu consultar um neurologista, chamado dr. Paul Damski. Ele era jovem, não muito mais velho que eu na época, 34 anos, e me pareceu bacana e correto. O tipo de pessoa de que eu gostava. Esperava que ele atribuísse os sintomas a um

nervo pinçado ou a um tique nervoso mas, em vez disso, me pediu para fazer uma bateria de exames. Todos apelidados com siglas: EEG, ECG, CT, RM. Senti um grande alívio quando o resultado dos três primeiros dizia que estava tudo bem. Mas com o último, a ressonância magnética, a história seria outra. Tive que esperar mais alguns dias. Ninguém gosta dessa parte, e comigo não é diferente. Por isso me concentrei na única coisa que poderia ocupar minha mente — mergulhei no trabalho.

A Coral Reef Senior High School é considerada, por um bom motivo, a maior das “magnet schools” de Miami — escolas públicas de ensino médio que possuem currículos especializados. Estudantes de todo o país disputam uma vaga em um de seus seis cursos preparatórios: bacharelado internacional, engenharia e ciências agrárias, finanças e negócios, direito e administração pública, ciências da saúde, artes cênicas e visuais. A seleção é feita por sorteio, com exceção do curso de artes cênicas e visuais. Nessa área, os estudantes precisam fazer um teste, e a competição é acirrada. Com tantos aspirantes a uma vaga, a atmosfera do curso é muito parecida com a que vemos nos filmes. Os meninos e as meninas estão sempre cantando alguma música e dançando pelos corredores. É impossível não ter bom humor num ambiente desses. Até ficar doente, jamais faltei ao trabalho.

Fiz parte da primeira equipe, quando a escola abriu em 1997. Foi meu primeiro emprego como professor e, sinceramente, aos 25 anos eu não era muito mais velho do que os meus alunos. Passei a maior parte dos meus dezesseis anos de trabalho nessa escola ensinando inglês avançado para alunos do colegial. Adorava ver aqueles jovens de quinze e dezesseis anos enfrentando as primeiras

decisões importantes de suas vidas — a futura carreira, os relacionamentos, onde viver, que faculdade cursar, o que estudar — ao mesmo tempo em que aprendiam a dirigir, arrumavam o primeiro emprego, viviam as primeiras experiências envolvendo drogas, álcool, sexo, identidade e liberdade. Para os jovens, essa é uma fase transcendental. Apesar de estarem começando a conquistar sua independência e quase sempre ansiosos por mais, a maioria ainda não se cansou da escola. E eu me considerava um sortudo por fazer parte dessa metamorfose.

Uma forma de demonstrar minha vontade de não ser apenas mais um professor para meus alunos era manter a sala constantemente aberta. Sempre havia meia dúzia de alunos por ali na hora do almoço. Às vezes, um deles ensaiava um texto, uma música ou uma dança, tocava violino ou violão. Tirando as ocasiões em que algum estudante entrava chorando por causa do namorado ou da namorada ou devido a uma nota baixa, o ambiente era sempre festivo.

Foi assim no dia em que recebi meu diagnóstico.

Foi na véspera do Dia de Ação de Graças, meu feriado favorito. Estava em minha mesa com minha melhor amiga no trabalho, Denise Arnold, que também dava aulas de inglês. Denise é pequena e come como um passarinho. Quando almoçava algo, geralmente comia alguns M&Ms de um saquinho que deixava guardado em sua mesa. Eu costumava comprar alguma coisa saudável e tentava fazer com que ela comesse um pouquinho. Naquele dia estávamos dividindo uma salada da lanchonete e brincando por termos tido a sorte de encontrar pepino no meio da alface murcha e dos croûtons encharcados. Os garotos entravam e saíam. Quando terminamos, ouvi a música do Super Má-

rio e peguei o celular; ao abrir, vi que a chamada era do meu médico.

“Alô”, eu disse, ficando em pé.

“Aqui é do consultório do dr. Damski”, disse uma voz feminina melancólica do outro lado da linha. “Chegaram os resultados dos seus exames.”

Acho que a culpa é da minha natureza otimista; naquele momento, estava esperando o melhor.

“Que ótimo”, eu disse, animado. “E o que deu?”

Ela demorou a responder, e meu coração acelerou.

“O senhor tem que vir até o consultório. E precisa trazer um acompanhante.”

Tive a sensação de que ela havia me dado um soco no estômago.

“Estou na escola. Só posso ir mais tarde”, eu disse a ela.

O medo realmente nos prega peças. De certa forma, era como se esperasse que o fato de não poder ir imediatamente, continuando a tocar minha vida normalmente, pudesse afetar o resultado de maneira positiva. Imaginava que a enfermeira diria: *Não tem problema. Vamos marcar outro dia.* Ela não fez isso.

“Não se preocupe com o horário. O doutor estará aqui.”

Dessa vez tive a sensação de que ela havia me dado um murro no estômago com uma luva de boxe.

“Está certo”, eu disse.

Fechei o celular e olhei para Denise. Ela estava de boca aberta, os olhos arregalados, apreensivos.

“Chegaram os resultados dos exames”, disse a ela. “Preciso ir até o consultório. Isso só pode significar que as notícias não são boas.”

Minha amiga procurou me tranquilizar.

“Vai dar tudo certo, David. Sei que vai. Vamos lá, você é invencível.”

Não sei como consegui dar minhas aulas naquela tarde. Lembro-me de que houve momentos em que me envolvi de tal forma na conversa com os alunos que realmente me esqueci do médico. No fim do dia, caminhei até o estacionamento ao lado de Denise. Conversamos sobre o que estava por vir e como eu estava me sentindo. Quando entrei no carro, virei para ela e disse: “Este foi o último dia em que as coisas correram normalmente”. Se ao menos eu pudesse parar o tempo.

Sentei ao volante, liguei o rádio e segui pela rodovia Palmetto em direção ao norte para buscar minha mulher. Paula é professora de história em outra escola de ensino médio de Miami. Como ela não gosta de dirigir, eu a levava e depois a pegava de volta na escola. Era nossa rotina. Como sempre, ela já estava esperando por mim quando cheguei. Quando entrou no carro, diminui o volume do rádio e lhe dei a notícia.

Paula tentou manter a calma, mas estava tão apavorada quanto eu.

O percurso até o consultório pareceu demorar uma eternidade, mas foi rápido demais para mim. Eu continuava pensando que quanto mais demorasse a ouvir o que o médico tinha a dizer, mais tempo teria para fingir que tudo iria ficar bem. Estava sentindo uma secura na boca e um nó no estômago. Paula estava contando como havia sido seu dia e eu me sentia grato por seu esforço, mas não consegui ouvir uma palavra. Tentava recuperar o fôlego.

Como prometido, o dr. Damski estava esperando por nós. A enfermeira nos acompanhou até a sala sem me olhar nos olhos. A porta estava aberta e o doutor estava

sentado atrás da mesa quando entramos. O cabelo castanho estava mais curto que na última vez que nos vimos; usava um avental branco e estava com um estetoscópio em torno do pescoço.

“Sentem-se”, ele disse, apontando para as duas cadeiras de plástico bege e marrom diante de sua mesa.

Ele começou a falar usando termos médicos que não entendi. *Glioblastoma multiforme?* Eu mal conseguia dizer essas palavras, quanto mais entender seu significado.

“Está certo”, o dr. Damski disse. “Eu vou mostrar a vocês.”

Atrás dele, o monitor de um computador mostrava uma imagem preocupante. Para mim, parecia um teste de Rorschach, aquelas pranchas com manchas misturando preto, branco e cinza. Ele se virou para o monitor e disse “este é seu cérebro”, com a maior naturalidade. Mudei a cadeira de lugar para ver melhor; Paula ficou em pé, atrás de mim. Eu não tinha ideia do que era aquilo. Ele apontou para uma massa branca sobre um fundo cinza. Parecia uma daquelas imagens dos boletins de meteorologia — uma nuvem de tempestade numa tela de radar Doppler.

A nuvem de tempestade era um tumor, ele disse. Isso estava claro, mas eu tinha milhares de perguntas. O professor que existia dentro de mim assumiu o controle.

“E o que isso significa?”, eu perguntei. “É benigno?”, bela tentativa.

O dr. Damski pousou a caneta sobre a mesa e, olhando-me diretamente nos olhos, mexeu-se desconfortavelmente na cadeira.

“Nenhum tumor no cérebro é benigno.”

“É cancerígeno?”

“Sim, é um câncer.”

Ele poderia ter me dado um soco no plexo solar. A sensação de falta de ar devia ser igual. Eu me senti derrotado. Vazio. Vendo o pavor estampado em meu rosto, o médico tentou suavizar a pancada.

“Mas ainda não sabemos tudo, David. Precisamos de uma biópsia.” *Uma biópsia para quê?*, pensei. Ele já havia dito que era câncer. “Precisamos de mais informações”, disse o doutor. “Precisamos saber quanto rápido está crescendo. Talvez esteja aí há vinte anos e aumentando lentamente.”

*Está certo, acho que consigo enfrentar uma biópsia.* Eu só não sabia que isso significava remover uma parte do meu crânio.

“Podemos esperar até as férias de verão?”

Ele mordeu o lábio, da maneira como eu fazia quando um aluno fazia uma pergunta que me parecia especialmente ingênua.

“Não, não podemos esperar tanto tempo.”

“Está certo, então. E se esperarmos até a parada para as festas de fim de ano? Falta só um mês.”

“Eu realmente não sei se você vai aguentar tanto tempo.”

Eu recuei, como se tivesse levado um tapa na cara. E as pancadas não pararam por aí. Sem tratamento, minha expectativa de vida era de um mês, disse o dr. Damski.

Passei os olhos pela sala. As paredes tinham a cor dos aventais hospitalares, só que mais silenciosas. As obras de arte se limitavam a um pôster com uma coluna vertebral e um cérebro. Havia uma mesa de exames em aço inox, com um rolo de papel branco no canto. Tudo tão frio e clínico. Você não deveria estar pelos menos em um ambiente confortável quando alguém lhe diz que você vai morrer?

“Por quanto tempo continuarei a ser eu mesmo?”, perguntei, mas eu já sabia a resposta. Esse momento já havia passado.

Paula resistia, mas eu desmoronei. Desculpei-me e saí; fui até o estacionamento e telefonei para meu irmão. Jacques, jornalista e editor, é oito anos mais velho que eu. Mesmo com uma agenda lotada, sempre tinha tempo para mim. Era meu ponto de apoio. Quando ouvi sua voz, desabei. Soluçando, mal consegui dizer as palavras. *Câncer no cérebro. Terminal. Alguns meses de vida.* Caramba, eu tinha 34 anos. Adorava meu trabalho. Amava minha mulher. Minha vida. Pode parecer clichê, mas diante de uma sentença de morte, você realmente pensa: *Como é que uma coisa dessas pôde acontecer comigo? Quando vou acordar deste terrível pesadelo?*

Foi o que eu disse para Jacques entre os soluços. Como é que uma coisa dessas pôde acontecer comigo? Sempre procurei ser uma pessoa correta. Fazer as coisas certas. Será que bati a cabeça? Comi alguma coisa ruim?

“David”, ele disse, finalmente, “você precisa ser forte.”

Esse era o meu irmão. Cabeça erguida. Firme. Forte. Eu queria ser assim por ele. Por Paula. Pelos meus alunos. Não queria parecer fraco, impotente, descontrolado. Respirei profundamente, mais uma vez, e, do nada, palavras que eu não esperava começaram a sair da minha boca.

“Não se preocupe, eu vou conseguir.” E mais estranho do que ouvir essas palavras, foi saber que realmente iria.